Léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa, Maranhão

Raquel Pires Costa*
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra**

Resumo: A comunidade de pescadores da Raposa está localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, e é formada basicamente de famílias de pescadores oriundos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal na década de 50. Buscamos, neste trabalho, observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com a pesca retrata a realidade sociocultural desse grupo. Após análise dos dados, constatou-se a existência de um vocabulário regional no qual os vocábulos referentes à pesca têm grande destaque e são evidentes as influências das marcas da estrutura sociocultural da região do Ceará onde se situa Acaraú. Os resultados obtidos por meio de nossa pesquisa evidenciaram aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância do léxico relacionado à pesca para o município da Raposa.

Palavras-chave: Léxico. Cultura. Linguística. Raposa.

Introdução

A comunidade[1] de pescadores do município de Raposa, localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, é formada basicamente de famílias de pescadores oriundos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal na década de 50.

Em pesquisa realizada em 1980, a comunidade foi identificada como

> um isolado sócio-antropológico, ou uma ilha linguística encravada no torrão são-luisense, cujas peculiaridades sociais, antropológicas e linguísticas constituíam um excelente campo de pesquisa para as ciências humanas, um campo dos mais puros, quase em caráter experimental. (AZEVEDO et al.,1980, p. 15).

Conhecendo alguns trabalhos já desenvolvidos nessa região, interessamo-nos por retornar a essa comunidade para verificar se o hábito de contar histórias permanecia. Chamou nos a atenção uma série de ocorrências de lexias não dicionarizadas e, também, o relato de um pescador que dizia da dificuldade de comunicação entre seus colegas pescadores e os engenheiros.

Revista Língua & Literatura	FW	v. 14	n. 23	p. ?	Dez. 2012. Recebido em: 31 out. 2012. Aprovado em: 04 mar. 2013.

* Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Grais. Professora da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: raquel-pcosta@hotmail.com
** Orientadora da pesquisa. Profa. Dra do Programa de Estudos Linguísticos da UFMG.

[1] Embora a Raposa possua estatuto de município, nós nos reportaremos a ela neste trabalho como comunidade da Raposa, visto que o modo de organização local ainda é o de uma comunidade de pescadores.

Percebemos que, além de haver um "fosso" entre os falares dos pescadores e dos engenheiros, há, também, uma distância entre as culturas: cultura do engenheiro (teórica) x pescador (prática); cultura do homem letrado x do não letrado, dificultando a comunicação, confirmando a assertiva de Preti (1997), de que há um "fosso" enorme entre os falares urbanos e rurais.

Vimos que os problemas de comunicação estão associados à incompreensão de itens lexicais, pois, enquanto os pescadores utilizam uma linguagem específica, o engenheiro faz uso de vocábulos característicos de uma linguagem técnica.

A partir dessa constatação, consolidou-se nosso interesse em realizar um estudo de âmbito lexical, nesta parte do litoral do estado do Maranhão. Depois de conhecer a história local e, também, os pescadores dessa região, as seguintes hipóteses foram levantadas:

i) Por ser constituída principalmente por migrantes cearenses, mas, também, por contar com a presença de maranhenses, a comunidade de pescadores da Raposa tem influências linguísticas perceptíveis principalmente no nível lexical, tanto do linguajar maranhense como do cearense;

ii) Há a presença de unidades lexicais não dicionarizadas no léxico local, as quais desempenham papel importante na construção da identidade coletiva da comunidade;

iii) Devido às suas características geográficas, como isolamento e distanciamento de grandes centros urbanos (no caso a capital do Estado, São Luís), considerados centros de inovação linguística, há evidências de manutenção linguística no léxico local;

iv) O vocabulário apresentado pelos informantes da pesquisa mostra a estreita relação entre língua e cultura, em especial, a cultura da pesca, e designa fatos ou objetos que fazem parte dessa cultura.

A pesquisa aqui relatada, realizada em nível de Mestrado, teve, portanto, como objetivo geral, realizar o levantamento e descrição do léxico dos pescadores do município de Raposa, estado do Maranhão, buscando observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com a pesca retrata a realidade sociocultural desse grupo.

1 Referencial Teórico

1.1 Lexicologia

A Lexicologia pode ser definida como o ramo da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico. Sua definição, sua legitimidade como ciência e sua área de abrangência foram bastante questionadas entre os estudiosos, visto que o léxico, por ser um sistema aberto e em expansão, é uma área difícil de receber uma abordagem sistêmica e ser formalizado em regras.

Para Biderman (1981) a Lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos e tem uma ligação com a Semântica. Costuma ser definida como "*a ciência do léxico duma língua*" e estuda o relacionamento das palavras com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

Dessa forma, é preciso entender o léxico também como o conjunto de vocábulos que cada indivíduo retém na memória e que possibilita a transmissão de pensamentos, ideias, desejos, emoções, a cada ato de fala. Biderman (1978, p. 81) considera que "a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – as palavras." Aliás, em torno do conceito de palavra existem definições adversas, terminologias e tendências, quanto à sua concepção e uso. Biderman (1978, p. 73), diz que "a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante".

Considerando-se a estreita relação entre história da língua e história de um grupo social, o léxico de uma língua simboliza, sobretudo, um patrimônio cultural, pois o universo vocabular de um grupo sintetiza a maneira e a forma com que seus membros estruturaram o mundo que os rodeia e designaram as diferentes esferas do conhecimento. Isto porque "o universo conceitual de uma língua natural pode der descrito como um sistema de categorias léxicas. As palavras geradas por tal sistema são chamadas rótulos, através dos quais o homem interage com seu meio" (BIDERMAN, 1978, p. 82).

Sobre essa interação do homem com seu meio, tendo como enfoque o léxico, Isquerdo e Krieger (2004, p. 11) ressaltam:

> Na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.

Como apontamos, percebem-se os diferentes recortes que se pode fazer num universo lexical quando se propõe a estudar o léxico de uma língua e, ainda mais, quando se propõe a relacioná-lo com a cultura.

1.2 Cultura

A discussão sobre o vocábulo cultura teve início no século passado e se intensificou na medida em que aumentaram os contatos entre povos e nações e se procurava explicar as sociedades modernas e industriais em virtude de tais contatos.

Inicialmente, o entendimento sobre o que significa cultura coincidia com a noção de civilização. Esses dois conceitos indicavam um ideal humanista positivo de desenvolvimento do homem, pelo poder da razão.

Revivida no Renascimento pelos humanistas, essa concepção clássica foi enfatizada por pensadores do Iluminismo do século XVIII, que a associaram à visão da história da humanidade, como progresso e desenvolvimento. Assim, tanto civilização quanto cultura serviam para designar os aspectos materiais da vida social, o universo de ideias, as concepções e as crenças.

Posteriormente, cultura começou a ser considerada em sentido contrário à civilização. Nos meados do século XVIII, Herder foi um dos que se opuseram à visão de história, rejeitando a aplicação do vocábulo em alemão equivalente a cultura (*cultur*) a todas as nações e períodos e seu emprego para se referir a civilidade e bom gosto

De acordo com Spencer (apud PIRES, 2009), Herder empregava *cultur* para se referir a todos os empreendimentos criativos, reconhecendo arte, costumes, ideias, credos e mitos como partes constituintes de uma comunidade cultural. Ressaltava, assim, a noção de expressões culturalmente variáveis da vida humana nas artes e nos costumes de um povo.

Por essa razão, Pires (2009) ressalta que o autor alemão é considerado o primeiro a utilizar o vocábulo cultura no sentido antropológico moderno, para denotar um modo particular de vida de um grupo. "No século XIX, a cultura era um conceito utilizado pelos europeus para explicar os costumes dos povos dos territórios conquistados e povoados (na África, na região Norte e América do Sul, Austrália, ilhas do Pacífico, Ásia)"[2] (Tradução nossa).

[2] En el siglo XIX, la cultura era un concepto utilizado por los europeos para explicar las costumbres de los pueblos em los territórios que iban conquistando y poblando (en África, en el Norte y el Sur de América, Australia, las islas del Pacifico, Asia) (DURANTI, 1997, p. 48).

De acordo com Santos (2006), com o passar do tempo, cultura e civilização ficaram quase sinônimas, apesar de se utilizar o vocábulo civilização, principalmente, em referência às sociedades de longa tradição histórica e detentoras de poder. O vocábulo cultura, por sua vez, é empregado não apenas em relação às sociedades, mas também "em grupos no seu interior".

Disso, podemos inferir que há duas concepções básicas de cultura que sempre orientaram toda a sua discussão: a associação de cultura com conhecimento, proveniente da sua associação com erudição, refinamento pessoal, e a preocupação com a totalidade das características de uma realidade social, pautada na concepção de cultura da ciência do século XIX.

Santos (2006, p. 44) entende cultura como fruto do relacionamento entre essas duas concepções, conceituando-a como

> uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade [...] diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros [...] é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social; é um produto coletivo da vida humana.

Cultura, então, sob esse ponto de vista, diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, à vida dos povos, nações, sociedades e grupos humanos; abordagem esta também defendida por Ralf Linton (apud CASCUDO, 1983, p. 40):

> Como termo geral, cultura significa a herança social e total da humanidade; como termo específico, uma cultura significa determinada variante da herança social. Assim, cultura, como um todo, compõe-se de grande número de culturas, cada uma das quais é característica de um grupo de indivíduos.

Atualmente, segundo Duranti (1997), as teorias têm tentado evitar uma noção globalizadora de cultura, e apoiam as práticas ou formas de participação específicas ou dependentes de um contexto determinado.

> Muitos cientistas sociais, incluindo alguns antropólogos, têm contestado que a noção totalizadora de cultura se identifique com um programa de supremacia intelectual, militar e política por parte dos poderes ocidentais sobre o resto do mundo, que não se pode exercer sem uma série de dicotomias como nós e eles, civilizados e primitivos, racional e irracional, educado e analfabeto, etc. A cultura é o que os outros têm o que os fazem e mantêm diferentes e separados dos demais[3]. (Tradução nossa).

[3] Muchos cientificos sociales, incluyendo algunos antropólogos, han contestado que la noción de cultura de identifica así com um programa colonial de supremacía intelectual, militar y política por parte de los poderes occidentales sobre el resto del mundo, que no puede ejercerse sina sumir uma serie de engañosas docotomías como "nosotros" y "ellos", "civilizado" y "primitivo", "racional" y "irracional", "educado" y "analfabeto".

> A cultura é, desse modo, utilizada para explicar por que minorias e grupos marginalizados não são facilmente integrados nas principais correntes sociais nem se integram com elas[4]. (Tradução nossa).

Métodos e Procedimentos

2.1 Pesquisa de campo

Seguindo a metodologia laboviana (LABOV, 2008), fomos a campo. Partimos do presente, observando os dados de língua falada coletados em entrevistas gravadas com os pescadores da Raposa. A partir das transcrições desses dados, cujos critérios se encontram descritos no item 3.2.1.3., fizemos levantamento daquelas lexias que, a nosso ver, melhor refletem a cultura dos pescadores. Em seguida, fomos ao passado em busca dessas formas encontradas. Verificamos se essas lexias já foram dicionarizadas ou fizeram parte do acervo lexical da língua portuguesa nos séculos XVIII, XIX e XX.

2.1.1 Delimitação do corpus

O corpus foi constituído da seguinte forma:

→ Locais da pesquisa: residências dos pescadores e Colônia dos Pescadores da Raposa.

→ Sujeitos da pesquisa: seguimos algumas das diretrizes adotadas por Ribeiro (2010), Seabra (2004) e Souza (2008), os quais seguiram as normas do Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais[5], com algumas adaptações. Segundo essas diretrizes, adotadas nesses trabalhos o entrevistado deve: a) ter idade igual ou superior a setenta anos; b) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município; c) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

No nosso trabalho, realizamos alterações nos itens *a* e *b*.

a) Em relação ás faixas etárias, optamos por dois grupos:

→ 5 pescadores com idades entre 50 – 65 anos;

→ 5 pescadores com idades entre 66 – 75 anos.

Hoy día, la cultura se emplea para explicar por qué las monorías y los grupos marginados no se integran fácilmente en las principales corrientes sociales ni se mezclan con ellas (DURANTI, 1997, p. 47).

[4] Hoy día, la cultura se emplea para explicar por qué las monorías y los grupos marginados no se integran fácilmente en las principales corrientes sociales ni se mezclan com ellas (DURANTI, 1997, p. 48).

[5] Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

Dentro desses grupos etários, tivemos a seguinte subdivisão:

- 50 - 55 anos: 2 pessoas (20%); 56 - 60 anos: 2 pessoas (20%); 61- 65 anos: 1 pessoa (10%); 66 -70 anos: 2 pessoas (20%); 71- 75 anos: 3 pessoas (30%).

Optamos por essa divisão porque o registro da fala das diferentes gerações de uma comunidade pode revelar, em tempo aparente, as formas linguísticas mais conservadoras e as inovadoras e, por extensão, fornecer possíveis indicadores de estabilidade ou mudança sociais.

Além disso, segundo informações da Colônia de Pescadores, ainda há um número razoável de pescadores de 50 a 75 anos que participam ativamente da pesca; por esse motivo, tanto nos podiam fornecer informações sobre o léxico referente à pesca, quanto podiam prestar informações sobre costumes, habitação, alimentação, organização social, etc., por serem experientes.

No que tange ao pescador com idade superior a setenta anos, acreditamos que este conserva um vocabulário pouco influenciado pelos meios de comunicação, podendo revelar um léxico mais próximo do vernacular, além de apontar possíveis retenções lexicais, além de conhecer as tradições culturais do seu povo.

No que diz respeito à segunda diretriz, ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município, não seguimos esse item, pois como descrito no Capítulo 2, a Raposa foi fundada por pescadores cearenses que migraram de Acaraú, CE. Assim, dos dez pescadores entrevistados, oito nasceram no Ceará (em Acaraú ou em municípios vizinhos) e somente dois nasceram na Raposa.

Devido à natureza da pesquisa, que exige muitas horas de gravação com uma única pessoa, optamos por selecionar apenas dez sujeitos para a sua realização. O *corpus* da pesquisa foi composto, portanto, de textos orais (entrevistas com os informantes, dentro das quais há narrativas de pescadores) e, posteriormente, escritos (transcrições dos textos orais e fichas lexicográficas).

2.1.2 Técnicas e procedimentos adotados na coleta de dados

A dificuldade em se coletarem dados numa pesquisa etno-sociolinguística já foi amplamente discutida na literatura. Mollica (1989), Dall'aglio (1990) e Tarallo (1995), foram apenas alguns dentre os muitos sociolinguistas a tornarem públicas suas inquietações a esse respeito.

Denominado por Heye (apud DALL'AGLIO, 1990, p. 55) de "paradoxo do observador", o cerne do problema consiste na necessidade de o pesquisador coletar amostras da língua falada em situações naturais de comunicação (LABOV, 1972), mas, para isso, precisará registrá-las por meio de um gravador, o que inibe o falante e pode perturbar a naturalidade do evento.

Como possíveis soluções para esta questão, Tarallo (1995) sugere alguns procedimentos a serem adotados pelo observador, como evitar um comportamento social e linguístico que intimide a comunidade em estudo e desviar a atenção do entrevistado para a formalidade da situação.

Dessa forma, participamos de conversas com grupos de pescadores, interagindo com os mesmos em suas residências e nos locais de saídas das embarcações para a pesca, a fim de nos familiarizarmos com todos os entrevistados, seguindo a conduta da antropologia linguística, conforme Duranti (1997).

As entrevistas, principal instrumento a ser utilizado para a coleta de dados, transcorreram mediante conversas em clima informal. Conversamos sobre a chegada dos pescadores na Raposa, as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, aspectos da alimentação, habitação, organização social, costumes, crenças e sobre a pesca propriamente dita, não apenas no que diz respeito ao seu funcionamento, como também buscando perceber os sentimentos do pescador em relação à sua profissão.

Quando tocávamos no assunto pesca, as conversas fluíam bastante, o que fez com que grande parte das entrevistas girasse basicamente em torno da pesca.

Durante as entrevistas, pedíamos que fossem contadas histórias relativas a algum risco de vida que já tivessem enfrentado em alto-mar – módulo proposto por Labov (1972). Pedíamos também que fossem contadas histórias de lendas/assombrações que os pescadores já tivessem ouvido falar ou já tivessem vivenciado. A ideia de ouvir e registrar estas histórias deve-se ao fato de, primeiramente, elas fazerem parte da vida e cultura dos pescadores e, também, por pensarmos, como Tarallo (1995), que é através das narrativas de experiência pessoal que conseguimos o melhor registro da língua falada, pois o locutor envolve-se emocionalmente com o *conteúdo*, esquecendo-se da *forma*.

Após a conclusão da coleta de dados, iniciamos as transcrições ortográficas, seguindo o que Andrade (1993, p. 21) aponta como o principal critério da transcrição: "a fidelidade ao discurso do informante, procurando-se registrar ortograficamente, da forma mais aproximada possível, as realizações de cada falante".

Em seguida, pesquisamos em dicionários contemporâneos e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência ou não da forma coletada para que, em caso da lexia ser dicionarizada, observarmos seu registro, ao longo do tempo, em várias obras especializadas.

Para sistematização dos dados coletados, elaboramos fichas lexicográficas de análise para cada lexia, nas quais devem constar: o vocábulo selecionado para análise classificado gramaticalmente, segundo o contexto em que se encontra inserido, uma amostra contextualizada da lexia em estudo e dados referentes a dicionarização ou não do vocábulo e a possíveis arcaísmos ou brasileirismos.

O passo seguinte foi a seleção das lexias consideradas relevantes para integrarem os campos léxico-semânticos, considerando-se as que melhor refletem a cultura das pessoas da região e a listagem, em ordem alfabética, daquelas que subsidiaram a organização do glossário.

Para a elaboração do glossário, tomamos como base alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia, dentre eles, Haensch (1982) e Barbosa (1995).

2.2 Fichas Lexicográficas

Para sistematizar e analisar os dados coletados em entrevistas orais e, posteriormente, transcritos seguindo metodologia adequada, elaboramos uma ficha para cada lexia. Para a constituição dessa ficha, seguimos o modelo adotado por Ribeiro (2010).

Número da ficha – **lexia** (classificação morfológica)_____Número de ocorrências
Abonação

_____

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Morais:
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio:
5. Cunha:
6. Amadeu Amaral:
7. Santos:

a) Do lado esquerdo, em primeira posição, apresentamos o número da ficha, seguido do vocábulo selecionado para análise. Esse vocábulo aparecerá na forma encontrada nas entrevistas, salvo os verbos que, por causa da diversidade de formas,

optamos por colocá-los na forma infinitiva; e, entre colchetes, sua classificação morfológica, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus*.

b) A estrutura morfológica indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada uma das lexias, agrupadas em esquemas ou estruturas morfossintáticas.

Por meio das fichas, podemos visualizar se a lexia em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles; se o vocábulo é considerado arcaico, se é um brasileirismo, etc. Além de analisar a lexia coletada, a ficha lexicográfica constitui-se em uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e comparação dos dados.

3 Apresentação e Análise dos Dados

Em nosso trabalho, apresentamos as 250 fichas, como a da lexia "aguacero":

1. AGUACERO Nm [Ssing] ~ **AGUACERA** Nf [Ssing] _____03 OCORRÊNCIAS
Aguacero é muito vento... (Ent. 2, linha 573)
Aguacero é muito vento... também agita o má.. (Ent. 2, linha 575)
É... não corre tanto perigo... que no inverno também é bom mas tem também as dificurdade das aguacera que chama...o vento forte... (Ent. 2, linhas 565 e 566)

_____

Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire:
Aguacero, s.m. De aguaça+eiro. Chuva forte, repentina e passageira, borraceiro.
4. Aurélio:
Aguaceiro [De *aguaça + -eiro*.] Substantivo masculino. 1.Chuva repentina e de pouca duração; cordoada, manga-d'água, pé-d'água. V. *salseiro* (1).
5. Cunha:
Água s.f. líquido incolor, inodoro e insípido, essencial à vida //aguaceiro (XVIII)
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

3.1 Análise quantitativa

3.2.1 Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário e glossário

O Gráfico 1 exibe, em números absolutos, quantas lexias entre as 196 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: i) em Bluteau verificamos a presença de 114 vocábulos, o que corresponde a 58,16% do total dos 196 vocábulos dicionarizados; ii) no dicionário de Antonio de Moraes e Silva foram encontrados 122 vocábulos, o que corresponde a 62,24% dos 196 vocábulos dicionarizados; iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio, representados, respectivamente, pelas cores verde e lilás, tiveram uma grande

representatividade entre os que mais apresentam aquelas lexias constantes do grupo das dicionarizadas, com 160 ou 81,63% o primeiro, e 161 ou 64,4% o segundo; iv) o dicionário de Antônio Geraldo da Cunha destacou-se como o que mais apresentou lexias entre aquelas dicionarizadas, um total de 164, o que representa um percentual de 83,67%; v) no dicionário de Amadeu Amaral, foram encontradas 2 unidades léxicas, ou seja, 1,02% do total das lexias que se encontram dicionarizadas; vi) no glossário de Wellington Lopes dos Santos verificamos a presença de 46 lexias, o que corresponde a 23,46% das 196 dicionarizadas.

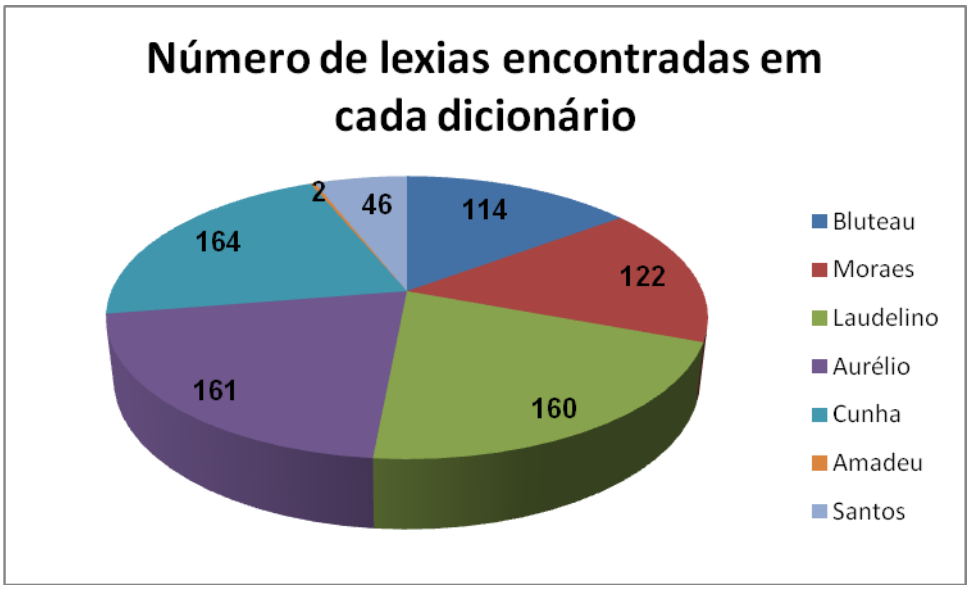

GRÁFICO 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário.

Entendemos que a baixa porcentagem das lexias de nossa pesquisa dicionarizadas na obra de Amadeu Amaral pode ser explicada: i) pela distância geográfica entre os estados de São Paulo e o Maranhão; ii) pelas diferenças culturais presentes em ambas as regiões; iii) por nossos dados focarem lexias relacionadas a pesca.

3.2.2 Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

Depois de estudar as 250 fichas, encontramos diversos vocábulos que não foram localizados em nenhum dos dicionários examinados, representando 21,6% do total, ao passo que 78,4% de lexias foram encontradas em pelo menos um desses dicionários. Cabe ainda salientar que aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não dicionarizadas.

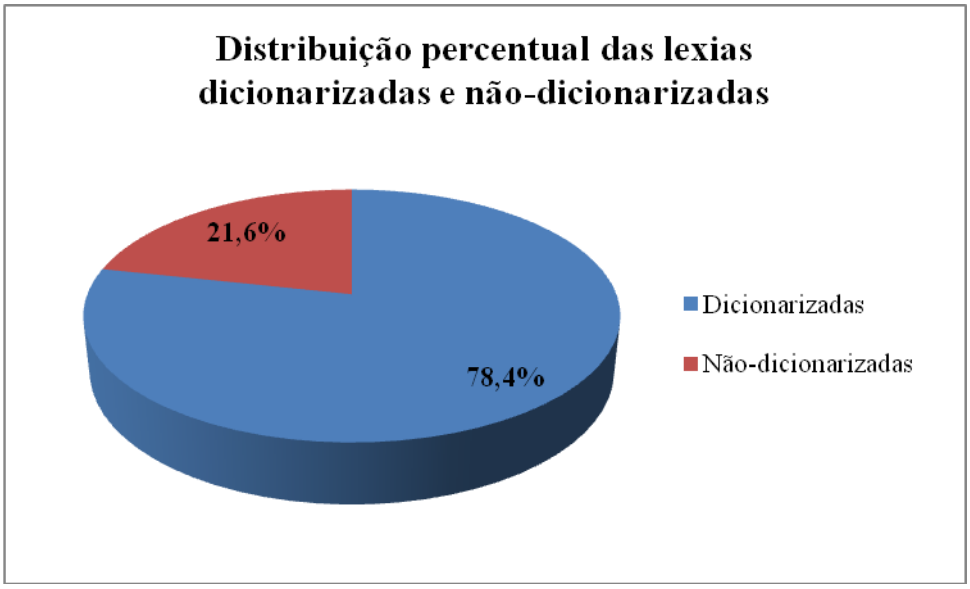

GRÁFICO 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas.

3.2.3 Lexias não-dicionarizadas relacionadas à pesca

Por meio da língua, o homem recria a realidade, interpretando-a e repassando-a aos demais. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que lhe garantem a intercomunicação, preserva, inconscientemente, formas tradicionais, mas, sensível às modificações que se operam a sua volta, nela imprime suas marcas, renovando-a a cada apelo externo.

No caso de uma língua especial - um vocabulário regional - como a da pesca, apesar de haver pontos comuns entre as comunidades pesqueiras que se refletem no vocabulário inter-regional, inerente ao âmbito social/corporativo restrito em que é utilizada, há, por outro lado, um contexto específico a cada uma delas e que decorre dos fatores naturais que condicionam a pesca.

O pescador tem de se adaptar ao meio em que atua, empregando uma determinada técnica em função do tipo de pescado que ali ocorre, das características geográficas e geomorfológicas do ambiente. A variedade vocabular (e por extensão, sua riqueza) vincula-se

à variedade da fauna aquática, ao nível de dificuldade de captura das espécies, às condições climáticas.

A uniformidade de processos e implementos de pesca observada em determinadas regiões não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências.

Por essas razões, como a pesquisa aqui apresentada é resultado de "conversas" com pescadores, que vivenciam, em seu cotidiano, a pesca, achamos procedente verificar, dentre as lexias não dicionarizadas, quantas têm relação com esse universo.

O gráfico abaixo ilustra essa averiguação:

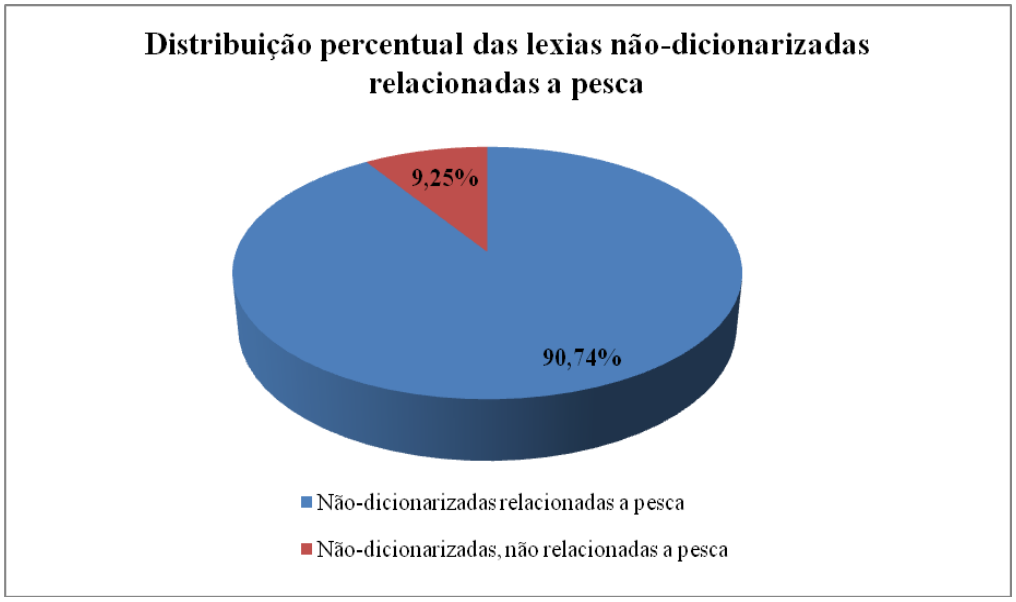

GRÁFICO 3 – Distribuição percentual das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca

Como podemos observar no gráfico 5, de um total de 54 lexias não-dicionarizadas, 90,74% relacionam-se a pesca, o que corresponde a 49 lexias, enquanto que apenas 5 lexias não têm relação direta com à pesca, o que corresponde a 9,25% do total das lexias não-dicionarizadas. Quando falamos em *relação direta*, estamos nos remetendo aos vocábulos específicos da pesca. O que nos chamou a atenção nesses dados foi que, mesmo entre os vocábulos por nós não classificados como não relacionados à pesca, 3 deles, João de Una, Gato de Botas e *visage*, têm relação com as lendas dos pescadores; ou seja, não se relacionam com a pesca especificamente, mas com um elemento presente na cultura dos pescadores: a contação de histórias.

Esse alto percentual de lexias não dicionarizadas que estão relacionadas à pesca, pode sugerir a grande capacidade criativa dos pescadores ao nomearem os instrumentos de suas

atividades, assim como os fenômenos da natureza. Para que visualizemos esses dados com mais clareza, no próximo item abordaremos as lexias não dicionarizadas por classificação gramatical.

3.2.5 Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas relacionadas a pesca

No gráfico abaixo, as lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca (item 3.1.4) estão distribuídas conforme a sua classificação gramatical:

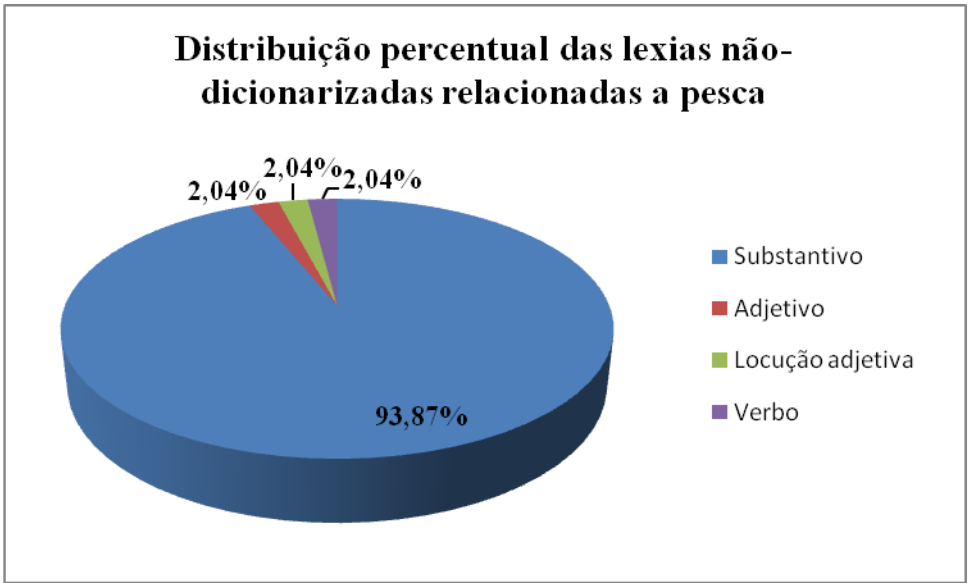

GRÁFICO 4 – Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas relacionadas à pesca

Como podemos verificar no gráfico acima, a grande maioria das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca são substantivos, com 46 ocorrências, correspondente a 93,87% do total de lexias; em seguida estão os adjetivos, locuções adjetivas e verbos, com 1 ocorrência cada, ou 2,04% desse total.

Esses dados podem indicar, como mencionamos no item 4.2.4, a alta capacidade criativa dos pescadores da Raposa, visto que os nomes de redes, formados com o sufixo -era (carumipinzera, gozera, pescadera, pitiuzera, serrera, tainhera) e dos nomes compostos das marés (maré cheia, maré de crescimento, maré de enchente, maré de lançamento, maré de quarto, maré de quebramento, maré lançante, maré seca e marezão de lua), que fazem parte

desse grupo, não se encontram dicionarizadas no glossário de Santos (2010), um trabalho recente que também versou sobre o léxico da pesca.

No que se refere aos nomes das redes, verificamos que os pescadores da Raposa nomeiam-nas de acordo com os peixes que elas se destinam a pescar (camurupim/camurupinzera; gó/gozera; pescada/pescadera; pitiu/pitiuzera; serra/serra – serrera; tainha/tainhera), denominações estas não localizadas por nós na literatura.

3.2.6 O léxico da pesca comum na Raposa/MA e em Canto do Mangue/RN

Nesta seção, comparamos o resultado de nossa pesquisa com os dados apresentados por Santos (2010), que, por sua vez, investigou em sua dissertação de mestrado, intitulada *O léxico do Canto do Mangue*, as palavras usadas por uma comunidade de pescadores, denominada *Canto do Mangue*, situada no Bairro da Rocas, em Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

Apesar de nomear um mundo que está em constante evolução, as palavras permitem que sociedades semelhantes, mesmo que em locais distintos, mantenham língua e cultura com muitas características similares. No caso dos pescadores, se por um lado há uma uniformidade de processos e implementos de pesca observada em determinadas regiões, isso não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências.

Percebemos, por exemplo, que enquanto na Raposa há 15 lexias que estão relacionadas ao universo agropecuário (boca do corral, chiquero, curral, curralzinho, pesca de curral, pescaria de curral, rancho, rancharia, sala, sala grande, salinha, testera de chiquero, camurim, vacareza, vaquero), em Santos (2010) não encontramos lexia alguma relacionada a esse universo, certamente devido a essas lexias serem características do linguajar cearense e terem *migrado* do Ceará para o Maranhão.

Como mencionado no item 2.4.1, os cearenses fundadores da Raposa eram, em sua maioria, pequenos proprietários de terra que ao migrarem para o Maranhão, transplantaram as relações de produção e de trabalho da agricultura para a pesca, o que influenciou a nomeação de lexias da pesca. Segundo Chaves (apud OLIVEIRA, 1982, p.2), o curral (com o qual relacionam-se todas as lexias acima) é um instrumento de pesca instalado no mar cujas relações de trabalho inspiram-se em regras e categorias da terra (da pecuária) projetadas no mar. Da mesma forma, o peixe camurim remete à terra, por significar "boi do mar".

Em relação ao léxico comum entre nosso *corpus* e o de Santos (2010), contabilizamos 51 lexias, o que representa 20,4% do total de dados coletados.

i) Nomes que apresentam a mesma forma e o mesmo significado[6]:

anzol, aratu, arraia, atravessador, baixa-mar, boca da barra, boca mole, braça, cação, camarão, camurim, camurupim, canoa, carapeba, chama maré, convés, corvina, costa, cururuca, embarcação, espinhel, , jangada, leme, linha, malha, maré, maré grande, maré de lua, maria farinha, marisqueira, mastro, mero, pescada amarela, popa, proa, rede, refugar, serra, siri, sururu, tainha, vela, xaréu.

ii) Nomes que apresentam forma diferente, mas com o mesmo significado:

→ *barco a motor* (Canto do Mangue) - barco movido a motor que alcança alta velocidade. / *canoa a motô* (Raposa) - embarcação rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, podendo ser aberta ou fechada, movida por um motor.

→ *barco a vela* (Canto do Mangue) - embarcação de pesca movido à vela./ *canoa a vela* (Raposa) - Embarcação rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, aberta, movida por uma vela.

→ *garajuba* (Canto do Mangue) - espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta, chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 4 quilos. De cor amarela e de carne branca, é um peixe bem aceito no mercado local. / gurijuba (Raposa) - Peixe de coloração acinzentada com contraste amarelo, cabeça grande e achatada. Considerado pelos pescadores da Raposa como um "peixe de segunda classe" devido a seu médio valor comercial.

→ *pescaria de arrastão* (Canto do Mangue) - pescaria feita com a rede de arrasto / pesca de arrastão (Raposa) - Ato ou ação de pescar arrastando uma rede rente ao chão com o fim de capturar camarões.

→ *pesqueiro* (Canto do Mangue) - ponto bom de pesca / *pexero* (Raposa) - local onde há grande quantidade de peixes.

→ *taioba* (Canto do Mangue) - espécie de búzio que dá na areia da praia oriunda do mar / tarioba (Raposa) - Molusco bivalve, donacídeo (*Iphigenia brasiliana*), distribuído desde as Antilhas até o Sul do Brasil. É comestível, e pode conservar vários dias fora da água mercê do perfeito ajustamento das valvas. Vende-se no mercado quando atinge tamanho superior a 5cm.

---

[6] Não levamos em consideração as diferenças ortográficas entre as lexias *atravessador/ atravessadô, baixa-mar/ baxa-mar, convés/ convéis, corvina/covina marisqueira/marisquera*, pois em nosso trabalho foi registrada a lexia conforme ocorreu na fala dos entrevistados.

→ *vento sul-oeste* (Canto do Mangue) - vento que começa na terra e segue em direção ao mar. Acontece sempre nas madrugadas / vento do sul (Raposa) - Vento que vem da terra, considerado bom para pesca, pois o peixe, segundo os pescadores, guia-se pelo vento sul.

→ *xié* (Canto do Mangue) - espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial / *xiéu* (Raposa) – Caranguejo pequeno, sem valor comercial, de cor avermelhada e de patas em formato de tesoura, também conhecido como chama-maré, por sair do mangue quando a maré está próxima de encher.

Esse exame nos permite afirmar que as palavras migram, sendo algumas alteradas ou substituídas por outras.

3.2.8 Variação das lexias

Retomando o que foi discutido no item 1.4.1, por ser a língua um sistema dinâmico, a variação e mudança linguística são interentes a ela, ou seja, a estrutura da língua se altera no tempo continuamente e somos peças importantes nessa evolução linguística, pelo fato de sermos falantes e utilizarmos a língua constantemente. Ao estudarmos as 196 lexias dicionarizadas, observamos que alguns vocábulos cambéu (cambeba → cambéu), espinhel (espiel → espinhel), igarité (igarité → garité), pecar (peccar → pecar→ pecar) e xiéu (xié → xiéu) tiveram sua forma um pouco mais alterada, do século XVIII até os dias atuais.

Averiguamos que a grande maioria conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e fonéticas, como em: a*guacero, alagar, anaufragar, anchova, anzol, a pano, aprofundar, aporrinhar, aratu, arraia, arrastar, arrudear, assentar, atravessadô, bagre, bandeirado, barquero, baxa, baxa mar, benzimento, berada, bera da costa, biana, bitola, boca da barra, boca do corral, boca mole, boia, bonança, boquero, braça, buzo, cabo, cação, camarão, camarão branco, camaroera, camurim, camurupim, canoa, canoa a pano, canoa a motô, canoa a vela, canoa de batê a mão, canoero, canoinha, caranguejo, carapeba, carga de pexe, casquinha, chiquero, cinto, convéigs, costa, costa baxa, costero, covina, curral, deflorar, desenganchar, disinganchar , disalagar, discarrerar, dismaiar, dismariscar, dispescar, dividição, embarcação, emborcar, enchente, enganchar, entralhamento, entralhar, erosão, escardiar, espeque, espia, esporão, estera, falario, frentera, gaiolona,garra, gelero, gó, gozera, guaravira, guaxinim, gurijuba, igarapé, isca, iscar, jangada, leme, linha, maçarico, malha, manzuá, maré, maré cheia, maré de crescimento, maré de enchente, maré de lançamento, maré de lua, maré de quarto, maré de quebramento, maré grande, maré*

lançante, maré seca, marezão, maria-farinha, marisia, mastro, mero, mestre, montaria, morão, murici, muriquinga, muruada, palestrar, pano, pecar, pescada, pescada amarela, pescada de dente, pescada grande, pesca de camarão, pesca de curral, pescadera, pesca de redinha, pescadinha, pescadinha mole, pescador de curral, pescadorzin', pescar de anzol, pescar de arrastão, pescaria, pescaria costera, pescaria de caranguejo, pescaria de curral, pescaria de linha, pescaria de rede, pescaria de siri, pesquera, pexe, pexe pedra, pexero, pexe serra, pitiu, pitiuzera, popa, proa, proa chata, , proa fina, puçá, purão, quebramento, rabo de tatu, rancharia, rancho, rebocar, recife, rede, rede de puçá, refugar, remanso, represar, rolação, sajuba, sala, sala grande, salinha, sardinha, sarnambi, sarnambi de pasta, seco, sentar, serra, serrera, serrinha, sessenta, siri, sururu, tainha, tainha média, tainhera, talho, tarioba, tenença, testera de chiquero, trado, traíra, urixoca, uritinga, vaquero, vazado, vela, vento do sul, vezero, vingar, visage, xaréu, xiéu.

Essa manutenção se justifica pelo modo de vida, a cultura, os hábitos e os costumes das pessoas que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é a *Raposa*. Por pertencerem a redes densas (MILROY, 1987), em função de interações sociais, o léxico se perpetua e vai passando, às vezes, com pequenas alterações, às gerações seguintes de falantes.

Considerações Finais

Na pesquisa aqui relatada, tivemos como objetivo investigar em que medida o léxico de uma comunidade de pescadores retrata a realidade sociocultural do seu grupo.

Com o intuito de ter uma amostra que correspondesse à realidade do mundo dos pescadores do município de Raposa, localizado no estado do Maranhão, fomos a campo, a fim de realizar entrevistas orais. Pautando-nos por pressupostos teórico-metodológicos preestabelecidos, gravamos dez entrevistas e as transcrevemos, ponto de partida para nossa análise linguística.

A análise quantitativa desses dados nos permitiu ainda observar a capacidade criativa dos pescadores, por meio das lexias não-dicionarizadas, em sua grande maioria relacionada à pesca; são nomes de águas, mares e marés entre outros, que nascem a partir da necessidade que o homem tem de nomear, tão bem descrita por Biderman (1998, p.91-92):

> O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes ao referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no

percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.

Lexicon and culture of fishermen of Raposa, Maranhão State

Abstract: Abstract: This study aims to survey and to describe the lexicon of the fishermen of Raposa, Maranhão State. The fishing community of Raposa is located approximately 47 kilometers far from São Luís, Maranhão, and it consists primarily of fishing families who migrated from their homeland, Acaraú, Ceará, in the 50s. We aim to observe the extent to which the lexicon of a community that works with the fishing portraits the social and cultural reality of this group. We intend, therefore, to show that the lexicological studies indicate a close relationship between man, culture and environment in which they operate. After analyzing the data, we confirmed the existence of a regional vocabulary in which words related to the fishing have great spotlight and in which the influences of the marks of the sociocultural structure of the region of Ceará where lies Acaraú are evident. We also observed, through the neologisms that occurred in our data, the great creative capacity of the informants. The results obtained by our research showed some historical, social and cultural aspects of the region, highlighting the importance of the lexicon related to fishery for Raposa city.

Keywords: Lexicon. Culture. Linguistics. Raposa. Maranhão.

Referências

ANDRADE, M. A. *Linguagem e cultura dos pescadores de Iguape*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

AZEVEDO, R. et al. *Raposa*: uma visão antropolinguística. São Luís: SIOGE, 1980.

BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.

BIDERMAN, M. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filosofia e linguística*. São Paulo: Ed. T. A. Queiróz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p.131-145.

_____. Dimensões da Palavra. In: _____. *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 2. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.

_____. *Teoria linguística*: linguística brasileira e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CASCUDO, L. da C. *Civilização e cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

DALL'AGLIO, M.M. Os problemas da coleta de dados na pesquisa sociolinguística. *Perspectivas em Sociolinguística*, Araraquara, v. 4, n. 2, p. 55-60, 1990.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lexicografía teórica a la lexicografia práctica. Madrid: Gredos, 1982.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução a Sociolingustica*. São Paulo: Contexto, 1989.

PIRES, D. *O nacionalismo pré-romântico de Herder*. Monografia (Graduação em Direito) - Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PRETI, D. *Sociolinguística*: os níveis de fala. 8. ed. São Paulo: Edusp, 1997.

RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos/MG*: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, W. *O léxico do canto do mangue*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SANTOS , J. L. S. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras de UFMG, 2008.

SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*: a toponímia da região do Carmo. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.